



Editorial

Tantos são os caminhos! E todos com “bermas” recheadas de “cegos”, “coxos”, “surdos”, “mudos”, “leprosos”..., uma multidão de gente já acostumada ao “choco” febril de uma “capa” que esconde outras escuridões e amarras; uma multidão de “excluídos” que se limitam a ouvir o ruído de uma multidão apressada que caminha, tantas vezes sem saber para onde vai e que há muito se habituou a conviver com as humanas “bermas”, deixando-se anestesiar por uma indiferença sem precedentes! Cuidado para quem segue na estrada: há sempre o risco real de atropelamento e queda! Não, não são os carros que atropelam: atropelam projectos mesquinhos e egoístas, olhares condenatórios e julgadores; atropelam passos que espezinham vidas, sonhos e ideais; atropelam calçados ruidosos de escárnio e mal-dizer, línguas em espadas afiadas que agravam feridas em tantos “transeuntes” e “rendeiros” das “bermas”!

No meio do emaranhado da “massa” que segue e caminha, talvez julgando-se já detentora de uma felicidade e liberdade, são mesmo as “bermas” que se dão conta de que o “Filho de David” também Se faz passar por estas vias! São as “bermas” que dão conta que, afinal, o tão desejado e esperado “Filho do homem” está, de facto, presente no meio da comunidade humana, não só está presente como tem um projecto de vida que não se “cobre” de “capas” nem se senta atrofiadamente nas bermas das estradas e, muito menos, estende a mão a esmolas! O que é devido não é esmola: é justiça!

E as “bermas” gritam! Clamam! Não tanto por cura mas por piedade! Ai tantos “Bartimeus” famintos de piedade e compaixão: Pior que a “capa” da doença, da preguiça, da exclusão, da dependência do “desencaixe” moral, ou outra qualquer, é a “impiedade”, a desumanidade e o desprezo a que tantas vezes são votados! Hoje, quase se reclama mais compaixão para os animais que para os humanos. Exige-se que os animais sejam tratados com humanidade enquanto muitos humanos são tratados com “animalidade”!

Que gritem os “Bartimeus”!

E o Mestre que passa escuta os gritos, faz dar um salto, atirar a “capa” como quem rompe com um passado e um pecado e, o mais importante: torna discípulo, seguidor: liberto para libertar!

“Pior cego não é o que não vê, mas o que não quer ver”! Desses há muitos! Que “gritem”!

Pe. Norberto Brum,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Sínodo dos jovens na recta final

Já foi apresentado o projecto do Documento Final resultante do Sínodo dos Bispos, que decorre em Roma, até hoje, dia 28 de Outubro. O texto foi entregue aos 252 Padres Sinodais que agora o vão ler, podendo apresentar propostas de acréscimos e emendas. Entretanto, será elaborada uma Carta aos Jovens de todo o mundo.

De acordo com o relator principal, o cardeal Sérgio da Rocha, o projecto do documento final, ainda sob reserva, tem como texto base de referência o *Instrumentum Laboris*, um documento que resulta de dois anos de escuta do mundo juvenil, enquanto o Documento Final é fruto do discernimento realizado pelos Padres no decorrer do Sínodo.

São documentos “diferentes e complementares”, que juntos dão “uma visão da complexidade das questões levantadas e dos dinamismos necessários para enfrentá-los: são lidos juntos porque entre eles há uma referência contínua e intrínseca”, explicou o purpurado.

Fontes do Documento Final são, além do *Instrumentum*



Laboris, os pronunciamentos, os relatórios e as emendas surgidas durante os trabalhos do Sínodo.

O primeiro e principal destinatário do Documento Final é o Papa. Depois da aprovação do Santo Padre, o documento será disponibilizado a toda a Igreja, às Igrejas particulares, aos jovens e a todos aqueles que estão comprometidos com os jovens na pastoral da juventude e vocacional.

Mas, segundo o cardeal Sérgio da Rocha, o caminho sinodal ainda não terminou, segue-se a fase de implementação: “será importante que as Igrejas particulares e as Conferências Episcopais possam assumir de maneira criativa e fiel a dinâmica do Documento, a fim de adaptar ao seu contexto o que surgiu durante os trabalhos”.

Tendo em conta que a linguagem do texto elaborado durante o Sínodo não é propriamente jovem, está prevista a elaboração de uma Carta aos Jovens, redigida por oito pessoas: quatro Padres Sinodais, dois jovens, um convidado especial e um delegado fraterno.

(Com Rede Mundial de Oração com o Papa - Apostolado de Oração)



Palavra de Domingo

XXX DOMINGO DO TEMPO COMUM

1ª Leitura

Jeremias 31,7-9

«Vou trazer de novo o cego e o coxo entre lágrimas e preces»

2ª Leitura

Hebreus 5,1-6

«Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec»

Evangelho

São Marcos 10,46-52

«Mestre, que eu veja»

A Palavra que Deus nos oferece, neste Domingo, como alimento espiritual para nossa vida, fala-nos da preocupação de Deus em que o homem alcance a vida verdadeira e aponta o caminho que é preciso seguir para atingir essa meta. De acordo com a Palavra que nos é proposta, o homem chega à vida plena, aderindo a Jesus e acolhendo a proposta de salvação que Ele nos veio apresentar.

A primeira leitura afirma que, mesmo nos momentos mais dramáticos da caminhada histórica de Israel, quando o Povo parecia privado definitivamente de luz e de liberdade, Deus estava lá,



preocupando-se em libertar o seu Povo e em conduzi-lo pela mão, com amor de pai, ao encontro da liberdade e da vida plena.

A segunda leitura apresenta Jesus como o sumo-sacerdote que o Pai chamou e enviou ao mundo a fim de conduzir os homens à comunhão com Deus. Com esta apresentação, o autor deste texto sugere, antes de mais, o amor de Deus pelo seu Povo; e, em segundo lugar, pede aos crentes que “acreditem” em Jesus – isto é, que escutem atenta-

mente as propostas que Ele veio fazer, que as acolham no coração e que as transformem em gestos concretos de vida.

No Evangelho, São Marcos propõe-nos o caminho de Deus para libertar o homem das trevas e para o fazer nascer para a luz. Como Bartimeu, o cego, somos convidados a acolher a proposta que Jesus nos vem trazer, a deixar decididamente a vida velha e a seguir Jesus no caminho do amor e do dom da vida. Dessa forma, garante-nos Marcos, poderemos passar da escravidão à liberdade, da morte à vida. A situação inicial do cego Bartimeu, que jaz na escuridão, dependente, acomodado, conformado, evoca a condição do homem escravo, prisioneiro do egoísmo, do orgulho, dos bens materiais, da preguiça, da vaidade, do êxito; evoca a condição daquele que está acomodado na sua situação de miséria, instalado nos seus preconceitos e projectos pessoais, conformado com uma vida de horizontes limitados; evoca a condição daquele que se sente refém dos seus vícios, hábitos e paixões e que sente a sua incapacidade em romper, por si só, as cadeias que o impedem de ser livre.

Jovens em Sínodo

Ecoss e reflexões

Sínodo tem sido “uma escola” com “lições valiosas”

O cardeal Luis Antonio Tagle, arcebispo de Manila (Filipinas), afirmou que o Sínodo dos Bispos, dedicado às novas gerações, tem sido como uma “escola”, onde os jovens também ensinam.

“Nós, bispos, perguntamos o que podemos fazer pelos jovens, mas os jovens fizeram muito por nós, ensinaram-nos”, assinalou, visivelmente emocionado, numa conferência de imprensa.

O responsável asiático, que já vai na sua sétima assembleia sinodal, mostrou-se sensibilizado com o que os jovens têm trazido “através das suas histórias e das suas intervenções”, falando numa experiência de humildade em que se toma a consciência do que não sabe, recebendo “lições valiosas”.

“Não é um Sínodo que quer dar todas as respostas e soluções, claras, porque a vida não é clara. A vida dos jovens, hoje, não é clara”, observou.

O cardeal Tagle sustentou que este sínodo foi “particularmente sensível” à escuta da voz feminina, reconhecendo



que a experiência das jovens e da sabedoria feminina deveriam ser “realmente ouvida”, para que todos aprendessem com “as suas dores, as suas forças, a sua coragem”.

Questionado sobre a inclusão ou não da sigla LGBT, que estava no relatório do pré-sínodo, um encontro de jovens citado no documento de trabalho, o

“palpite” do arcebispo de Manila foi que o tema estará presente no documento final, de alguma forma.

O essencial, precisou, é passar a mensagem de uma Igreja que olha à “humanidade” de todos, “qualquer que seja a sua orientação sexual”.

“A atitude constante é de respeito pela dignidade humana”, acrescentou,

antes de recordar que a Igreja coloca “exigências” específicas para o “exercício correcto” de determinados ministérios.

Já o cardeal Charles Maung Bo, arcebispo de Rangum (Myanmar), presidente-delegado do Sínodo 2018, evocou as “vítimas do tráfico humano”, em particular as mulheres.

D. Bienvenu Manamika Bafouakouahou, bispo de Dolisie (República do Congo), destacou por sua vez a atenção dada às perseguições contra os cristãos, “uma questão delicada que diz respeito a algumas regiões do mundo”.

“Espero que haja uma grande atenção aos mártires, não só os que deram o seu sangue, mas os que são mártires por uma espécie de perseguição psicológica”, assinalou.

O responsável congolês disse que o Sínodo teve um “olhar de solidariedade” e de atenção com as comunidades perseguidas, que “fazem parte da Igreja”, bem como uma grande “preocupação” com o tema das migrações.

Igreja “lugar de amizade”



O prior da comunidade ecuménica de Taizé disse no decorrer do Sínodo,

que a relação das comunidades cristãs com os jovens deve valorizar o que

denominou como “ministério da escuta”.

“É preciso mostrar esta disponibilidade de pessoas que têm tempo para acolher”, num primeiro contacto, para ouvir “alegrias e sofrimentos”, destacou o irmão Alois, em conferência de imprensa sobre os trabalhos do Sínodo dos Bispos.

O prior de Taizé, convidado especial desta assembleia dedicada às novas gerações, considerou “indispensável” este ministério da escuta e convidou os católicos a propor a Igreja como “lugar da amizade”.

Para o irmão Alois, é necessário rezar com os jovens e não apenas “organizar momentos de oração para eles”.

“Tenho de respeitar a forma como Deus está presente, mesmo nas pesso-

as que não acreditam”, acrescentou.

Já o padre Mauro Lepori, abade geral da Ordem Cisterciense, afirmou que o Sínodo tem sido uma “experiência de comunhão”, mais importante do que eventuais documentos, realçando as “intervenções e testemunhos” que os bispos têm tido oportunidade de ouvir.

D. David Bartimej Tencer, bispo de Reiquiavique, na Islândia, falou por sua vez do debate sobre a cultura digital, considerando que a Igreja tem uma visão mais “positiva” do que os sectores mais envelhecidos da sociedade.

A este respeito, destacou a experiência de Escola da Fé via “Skype”, que levou a cabo, com a possibilidade de trabalhar temas bíblicos a partir da internet, por exemplo.

Jovens exigem “mudança de mentalidade”

D. Joaquim Mendes, presidente da Comissão Episcopal do Laicado e Família disse no Vaticano, no contexto do Sínodo, que as comunidades católicas devem promover uma “mudança de mentalidade” na sua relação com as novas gerações.

“Penso que o desafio maior é uma mudança de mentalidade, em relação à realidade juvenil. Em relação ao mundo juvenil, uma mudança de mentalidade. Naturalmente, isso leva a uma mudança também de coração, a uma mudança de atitude e depois também a adquirir o diálogo com esta realidade, com o mundo juvenil, a assumir o diálogo como método, como processo, de modo a buscarmos juntos os caminhos”.

D. Joaquim Mendes realça que o Sí-

nodo “não traz propriamente receitas”, mas quer levar todos a questionar-se sobre os espaços que são oferecidos aos jovens, na Igreja Católica, e o que estes têm a oferecer, por sua vez, para evangelizar, renovar as comunidades e “mudar as estruturas”.

O bispo auxiliar de Lisboa sublinhou a importância de apresentar a vida da fé como um “caminho”, em comunidade, na qual “se faz a experiência de Jesus Cristo e depois se assume o modo de ser, de pensar, de agir, de Jesus”.

“Esta terceira parte traz muitos desafios, traz muitas propostas, leva-nos, convida-nos a esta mudança de mentalidade, esta mudança de atitude e este diálogo, como estilo e como método para a Pastoral Juvenil”, concluiu o presidente da CELF.

